

Notas da Quinzena

• Não somos iguais. As diferenças que existem nas pessoas podem fazer a beleza do conjunto quando há amor verdadeiro. Completamo-nos mutuamente, portanto. Há uma dívida que levamos connosco todos os dias: a de nos amarmos. O resto vem por acréscimo.

Recordo o casal que nos visitou. Tão diferentes um do outro! Ao mesmo tempo, tão pertinho um do outro! Como? Amavam-se muito. Daí: o respeito; a compreensão; o perdão; a doação até ao sacrifício da vida.

A esposa adoeceu; era um cancro. Os filhos, dispersos por várias terras, tinham a sua vida. O marido faz tudo o que pode como quem cumpre o dever primeiro. Acompanha-a, deixando todos os outros afazeres. Trata dela até lhe fechar os olhos no sono tranquilo da morte.

Se ele foi o esposo fiel e indiviso, como é próprio de quem ama a sério, ela foi o complemento necessário que fez do lar o espaço belo da vida em comunhão que não terminou com a morte.

Precisamos dos outros para sermos mais perfeitos; os outros precisam de nós para serem mais humanos.

Cada pessoa merece e necessita de um olhar amigo, fraterno, porque somos da mesma família: Somos irmãos. Mas, porque diferentes, os homens são cada homem.

• É preciso descobrir a riqueza dos filhos e explorá-la com eles. Quanto mais trabalharmos com eles mais ricos seremos. A beleza da diversidade vê-se quando se ama muito. Eis a dificuldade: amar muito. Eles estão primeiro.

A busca dos bens que os ajudam a ser eles mesmos é um esforço exigido aos educadores, todos os dias. A humildade de quem educa é a pedra de toque.

Olhamos diariamente para aqueles que nos foram confiados. São muitos filhos; todos diferentes. Caminhar com eles é gozar a surpresa da descoberta do tesouro guardado em cada um. Mais ainda: é levá-los a participar dessa maravilha. Por isso, o dia que nasce é sempre novo!

• Na sua viagem a África, o Santo Padre encontrou-se com os leprosos de Cumura. Depois, pôs-se a caminho e, a meio da estrada de terra vermelha, mandou parar o seu carro;

saíu, envolto numa nuvem de pó, para entrar em duas miseráveis tabancas, como diz a jornalista que o acompanhava. E acrescenta: «Ninguém o esperava naquelas pobres tabancas de terra, argila e colmo, apenas com uma porta e sem janelas...».

Eram pessoas diferentes que ali viviam. Um quadro lindo, cheio de harmonia. Quem o pintou? Foi o amor com o pincel do respeito pela dignidade de cada ser, imagem de Deus, filho de Deus.

• O Luís chegou, ao fim da tarde. É um pequeno, com 10 anos, nascido no Algarve. Não vou contar a sua história. É igual à de tantos outros que vieram ao mundo para ser felizes e não só. Tem pai e mãe; mas não tem família que o ajude a ser homem. O lar, onde nasceu, desfez-se. Ele é a vítima de mais uma catástrofe nacional. Sempre que uma família se desfaz é uma catástrofe. Aqui, o dinheiro não resolve nada. É a família que está em causa. Ou se investe com todas as forças na família ou continuamos a assistir, silenciosamente, ao desabar do edifício da nação.

Padre Manuel António

PARTILHANDO

• Um povo que caminha, andarilho: nas ruas, passeios, estradas, picadas e carreiros. Andar... Andar, como o Povo de Deus no deserto. Um pouco assim. Não há falta de tempo. Ele é todo para caminhar. Quando chegarão aos vales da fertilidade? Aos oásis de sombra e água pura? Aos lares onde todos comerão o pão repartido com amor? Só terá fim este caminho longo quando os países poderosos fizerem alto ao envio de armas e máquinas. Neocolonialismo feroz!

Belo dia em que os povos africanos dirão:

Deixem-nos em paz!

Vamos nós produzir.

Vamos nós criar.

Vamos ser nós mesmos.

E com o nosso avançar equilibrado e proporcional à nossa cultura, ambiente e fontes de riqueza.

• No grande hospital faltam camas, lençóis, comida, limpeza e utensílios. Uma Irmã, que ali se dá e sacrifica na ara de uma imolação constante, ficou radiante ao ver no extremo do corredor outro hábito branco. Pensou com alegria que não iria ficar sozinha... Enganou-se. Do alvo hábito saíu a resposta: «Só é o estágio. As horas da minha comunidade são incompatíveis com os horários do hospital».

Será necessário outro Vaticano II para dizer a tais Irmãs que os seres humanos sofredores valem mais que os horários e mais que os sábados?! Valem tanto como um senhor.

• Nunca como hoje os meios de comunicação levam a todo o canto as notícias do mundo. Sabemos tudo. Porém, cada vez mais, a crosta muda nos fecha cá dentro e, mesmo vivendo lado a lado, não comunicamos entre nós. Conchas fechadas subindo, descendo, andando e correndo. Como nos encontraremos e conheceremos?

Esta a pergunta com que um casal cristão de Barcelona se e nos questiona.

Ele nos diz: «Somos uma família cristã com três filhas pequenas que encontra muita dificuldade para viver a sua fé e educar os filhos numa grande cidade como a nossa, pelo que decidimos ir viver para o campo. Gostaríamos de conhecer outros cristãos, numa situação parecida, que quisessem acompanhar-nos no nosso êxodo para o campo e levar uma vida

Continua na página 2



Olhamos diariamente para aqueles que nos foram confiados. São muitos filhos. Todos diferentes. Caminhar com eles e gozar a surpresa da descoberta do tesouro guardado em cada um. É levá-los a participar dessa maravilha. Por isso, o dia que nasce é sempre novo.

Convenção Internacional dos Direitos da Criança

Na análise até agora feita do texto da Convenção, naturalmente a nossa atenção incidiu sobretudo nos artigos que visam a criança privada do ambiente familiar a que tem direito e de que necessita tanto como do alimento. Esta necessidade conduz ao primeiro e mais universal de todos os princípios: «É direito da criança ser cuidada pelos pais...» (art.º 9.º); e «é responsabilidade primordial dos pais (...) acompanhar as crianças para exercerem direitos em consonância com o seu desenvolvimento». (art.º 5.º) Quando, porém, os pais não estão à altura desta

«responsabilidade primordial», ela recai sobre «a família ampliada ou a comunidade» (art.º 5.º) e finalmente sobre o Estado (art.º 20.º), que o direito e a necessidade da criança não caducam pelo facto de seus pais lhes não corresponderem.

Mas a Convenção estabelece outro grande princípio que é «o interesse da criança considerado como prioridade, em todas as medidas a ela dirigidas» (art.º 3.º). E nesta linha se debruça sobre vários aspectos da vida da criança, mesmo da que goza do ambiente familiar que lhe é devido. E proclama os seus

direitos à saúde (art.º 24.º e 25.º), à previdência social (art.º 26.º), ao nível de vida adequado ao seu desenvolvimento (art.º 27.º), à educação (art.º 28.º e 29.º), ao lazer (art.º 31.º), à regulamentação do trabalho (art.º 32.º); e o seu especial direito de defesa e protecção quando refugiadas (art.º 22.º) e nos casos de deficiência física ou mental (art.º 23.º), de uso ou participação no tráfico de droga (art.º 33.º) e de exploração sexual (art.º 34.º).

Todos estes artigos constituem um chamamento aos Estados para as

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO



É o Ricardo. Uma flor, no jardim, entre as flores. Dantes, não era assim...

Conferência de Paço de Sousa

• A CEE já se preocupa com os quarenta e quatro milhões de carenciados que subjazem nos Doze. É considerada Pobre toda a pessoa que dispõe de menos de metade do rendimento médio em cada país da Comunidade. O problema é nomeadamente grave em nosso País — com miséria de séculos.

Congratulo-nos. E apoiamos os Voluntários que representam ou representarão organizações ou instituições particulares de solidariedade social no Comité Consultivo Europeu. A sua voz — dos sem voz — seja ouvida ao longo do circuito, no estudo, planeamento e programação de acções contra a miséria. Neste areópago, a presença do Pelicano é fundamental. Pois a sua óptica é o Homem, a Família carenciada no seu todo (corpo e espírito). Justiça e Solidariedade cristãs!

Parece-nos, entretanto, que um trabalho desta envergadura — visto do *rés-do-chão* — deveria ter sido lançado logo de início, a par e passo, com o alargamento da Comunidade. Mas, até que enfim se se decide a procurar analisar as causas da miséria para se minimizar uma parte das bolsas de pobreza!

De entre os problemas aos quais botamos a mão, neste cantinho do Entre-Douro-e-Minho, referimos: a viuvez, primeira infância, velhice, falta de habitação, doença, sinistralidade... Sem pormenorizar as dificuldades que denunciamos, assiduamente.

Aliás, é mais que sabido, nunca se procedeu, em Portugal, a um levantamento sobre o nosso *terceiro mundo*...! São mais pressurosos noutras questões, de índole economicista. Por isso, quão notórias as assimetrias, as omissões, tanto no que se refere à miséria tradicional como à gerada pelo próprio desenvolvimento — bem pior e mais dura de roer.

PARTILHA — Um cheque, de Setúbal, «para uma viúva com filhos para criar. Sou avó com cinco netos que todos os dias reza por todas as crianças, pois creio no poder da oração». O dom da Fé!

«Uma assinante da casa dos 100», que lê e assina O GAIATO desde o n.º 1, manda algo para os nossos Pobres — destinado «a ajudar algum doente socorrido pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus» — e desabafa a sua cruz.

Assinante 17431, de Guimarães, presente com cinco mil escudos «para aquilo que os Pobres precisarem». Um cheque do assinante 16131. Outro, da assinante 32986, do Porto, com «um abraço de solidariedade» — que retribuimos. Mais outro, da assinante 14708, de Minde, que também pôs as suas contas d'O GAIATO em ordem. E mil, muito saborosos, dum gaiato lançado na vida.

Fecha a coluna o assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia): «Junto uma pequena ajuda (6.000\$00). E peço uma oração ao Céu por todos os corações atribulados para que descubram o Senhor e n'Ele depositem o seu sofrimento e assim a Esperança e Consolação desponham nas suas almas».

Em nome dos Pobres, o nosso muito obrigado e votos de santa Páscoa.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Depois do calor que se tem feito sentir não nos tem sido possível continuar na plantação da batata.

Também um grupo de rapazes foi encarregado da plantação do cebolo.

Outros andam a cortar a erva lameira para que possamos semear o resto da batata.

CONVÍVIOS — Últimamente houve muitas visitas à nossa Casa. Gente que gosta de nós. Por exemplo: Alguns grupos de catequese e de escolas, outros que vêm jogar um desafio de futebol, etc. Gente de toda a parte. Muitas vezes as pessoas hesitam em visitar-nos porque não sabem que somos A Porta Aberta.

VIDA MILITAR — Três rapazes foram à inspecção. Dois, do Lar de Coimbra; outro, de Miranda do Corvo.

Ficaram aptos para o serviço militar: César, Carlos Zé e Serafim.

PLANTAÇÕES — Alguns rapazes foram encarregados de abrir covas para a

plantação de árvores de fruto na nossa vinha, no pomar — onde já deixámos tudo pronto — e de plantar flores no canteiro, ao lado da tipografia. Só esperamos que o sol não venha causar problemas.

Serafim e Ângelo

PAÇO DE SOUSA

PÁSCOA — Durante a Semana Santa, todos nos preparámos para a grande festa da Páscoa. Costuma vir um sacerdote falar do grande acontecimento, também vêm quatro sacerdotes para atender todos os que queiram viver a Páscoa na paz e alegria do Senhor.

Na Quinta-Feira Santa são escolhidos 12 rapazes para o lava-pés, na celebração eucarística, como fez o Senhor aos Seus discípulos.

Neste dia acolhem os Pobres para participarem na nossa ceia.

No Sábado, às 15 horas, a Via Sacra. No Sábado, às 22 horas, a celebração Pascal, abrindo com a bênção do lume novo, no átrio da capela. No fim, já muito tarde, tomámos o cacau e fomos dormir. Não há horas para levantar, descansamos ao máximo.

É assim em nossa Casa e era assim que todas as famílias deviam fazer.

Se há muitos que não vivem a Páscoa, bom seria que todos a partilhassem um bocadinho, com os Pobres a seu lado.

VINHA — Continuam os trabalhos na vinha nova. Andam a colocar os esteios, que apoiam as vides. É de crer que darão muito fruto. Esperamos que sim.

VENDA DO JORNAL — Tinha 11 anos quando comecei a distribuir o nosso jornal. No princípio foi muito difícil, não conhecia ninguém nem sequer uma rua da cidade. Fui-me habituando cada vez mais, já tenho muitos amigos e fregueses.

A primeira zona foi na praça da Batalha. Quem me passou a pasta foi o «Punk». Estive ali cerca de dois anos. O meu irmão Benjamim era na rua das Flores e Mouzinho, área muito grande e complicada. Foi transferido para Braga e passei para a dele. Nas primeiras quinzenas distribuía 150 jornais, descobri mais fregueses e aumentaram-me para 200. Vendia-os facilmente. Tinha clientela certa.

Os anos foram passando, até que chegou a hora de me despedir dos amigos que me compravam O GAIATO todas as quinzenas. Passei a pasta ao Luís. Espero que não tenha dificuldades e encontre bons amigos.

«Andorinha»

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

ENCONTROS

• EM LISBOA

Em 27 de Março mudei de cenário. Tudo foi rápido, inesperado. Ainda não estou bem acordado. Sinto-me balanceado entre o sonho e a realidade. Um dia, a pequena história talvez retenha, como se de uma ordem de serviço se tratasse, qualquer coisa como isto:

— Reunidos na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, os Padres da Rua tomaram, em 20 de Março, a decisão de confiar a Casa do Gaiato de Lisboa a Padre Cristóvão;

— Por motivos de saúde e a seu pedido, por tempo indeterminado, a 28 de Março, Padre Luiz deixa a Casa do Gaiato de Lisboa.

Burocraticamente isto é assim. No entanto, nenhuma vida humana se reduz à burocracia. Por detrás, existe a riqueza de sentimentos, de valores, de dignidade, de amor, de dedicação, que encheram um tempo, criaram raízes e marcaram um rumo.

PARTILHANDO

Cont. da página 1
simples, pobre e centrada no culto do Senhor. Tudo isso nos uniria e ademais a esperança de construir uma comunidade no espírito das primeiras comunidades cristãs.

Sonho belo e decisão corajosa! Numa vida simples, pobre e centrada no culto do Senhor!

Padre Telmo

Durante mais de 27 anos, Padre Luiz deu-se à Casa do Gaiato de Lisboa. O seu amor, o seu saber, o seu tempo, a sua busca de verdade e justiça, foram entrega constante. Dou graças a Deus por o ter conhecido e ainda ter tido a oportunidade de trabalhar com ele. A mais profunda e sincera admiração.

Invade-me também um sentimento de grande reconhecimento. Faço-o em nome pessoal e em nome de várias centenas de rapazes que encontraram, junto de Padre Luiz, o acolhimento, o amparo, o estímulo, o exemplo, a dedicação, o encaminhamento das suas vidas. Englobo neste reconhecimento todas as pessoas que, através da sua palavra ou da sua escrita, encontraram caminhos de esperança. Quantas atenções, nascidas no seu coração, Padre Luiz foi semeando nos caminhos que percorreu! Com Padre Luiz, a Obra da Rua continuou o sonho de Pai Américo. Bem haja!

Finalmente, junto de Deus, formulo uma prece: Que a saúde de Padre Luiz se restabeleça e os Pobres, que tanto amou e serviu, possam ainda contar com a sua vida.

Obrigando, agora, a crónica a falar de mim, acrescento dois apontamentos referentes às margens do rio que estou a atravessar.

Deixo Setúbal onde vivi durante três anos. Amei e fui amado. Que maravilha quando isto acontece nas nossas vidas! Muito aprendi com os Rapazes, as Senhoras, Padre Acílio e os Amigos. Muito obrigado! Continuarão a fazer parte da minha vida.

Abordo Lisboa. Não encontro um termo que me explique, neste

momento. É uma mistura de apreensão, aventura, medo, risco, dor, esperança... Faço um acto de Fé e peço a Deus a sua bênção: «O Senhor me conduz... nada me faltará». Sendo a Obra da Rua solidariedade e geradora de solidariedades, confio nos Rapazes, nas Senhoras, nos Amigos. Que Deus, cheio de misericórdia, nos abençoe a todos.

Padre Manuel Cristóvão

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes; o 2.º, esgotado); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (2 volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (3 volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

★

Teremos, brevemente, novas edições dos livros Calvário e o 2.º volume Pão dos Pobres. Seria conveniente os interessados renovarem pedidos para os atendermos oportunamente.

A «procissão» de hoje abre com uma presença de qualidade que me soube tão bem! Há anos, no tempo em que seis contos e meio compravam telhas, este modesto chefe de família foi ajudado com aquela quantia. O telhado ficou composto. Porém, a casa tem de ser fechada nas fachadas com portas e janelas. Os acabamentos interiores são o que mais custa. Durante anos, ele foi acabando a sua casa pelo preço de muito trabalho e sacrifícios. Terminou-a, enfim. E agora, ele mais a mulher, tanto tempo habituados a poupar para este fim, entenderam que deviam ajudar outros empenhados, como eles, na construção do seu lar. E vieram, com a timidez com que então terão vindo pedir, entregar dez contos, a sua retribuição. «O que passa dos seis e meio são os juros» — disse. Felizes, os donos de uma consciência assim, tão rara!

Outra nota discreta que o correio nos trouxe: Dois talões de depósito no Banco, somando cinquenta contos. Do depositante não consta nome. Outro feliz!

Do Manuel, do Montijo, dez. Do Porto, três (e mais com outros destinos) e este testemunho de piedade filial: «Peço uma oração por minha mãe, uma velhinha amorosa com 91

A G O R A

anos, para que o resto da sua vida não venha com muito sofrimento».

De novo o Porto com dez, «para essa Obra que nos fala ao coração; eu vivo-a desde que ela nasceu». Igual quantia do assinante 26271, da R. da Alegria. E uma telha de Esmeraldina e outra de Maria Olinda.

Agora um salto a Lisboa. Mais um cheque de quatrocentos e «no meio do ano Deus queira que possa um pouco mais acrescentar. Em tudo isto o meu nome se apaga. Presente a minha companheira de quase 50 anos». A beleza e a fecundidade do amor conjugal!

«Comemorando os nossos 50 anos de casados de que tantas graças temos a dar a Deus, quinze» — dão-nas, em palavras e obras, Branca e José. Maria das Dores, em carta de letra tremida («Já não sou nova — 77 anos — mas tenho o meu juízo perfeito, graças a Deus»), manda vinte.

Ainda Lisboa, com dez «para o tão querido jornal e o restante no Património dos Pobres ou naquilo que mais for preciso». É um Enge-

neiro, da Estrada da Luz. Cheque de cinco, da Av. António Augusto de Aguiar, «para o caso referido no recorte junto ou qualquer outro do Património dos Pobres». Dezasseis e meio de um Homem Christo. Cinquenta, de Santa Cruz — Torres Vedras, «para ajudar nos esquemas de habitação própria que têm sido divulgados pel'O GAIATO. E obrigado pela vossa Esperança». Oh lendas!

Muitas sobras de pagamento da assinatura do nosso jornal: Da Bernardette, de Tavira; do António, de Calendário — V. N. Famalicão; da Adelaide, de Fiães; de gente sem conta que vai desobrigar-se ao Espelho da Moda.

Da Angelina, Raquelina e Alexandrina, «os nossos modestos 500\$00, de Fevereiro». Dez vezes mais, de Maria da Conceição. E cem vezes, de quem deseja enviar «em breve novo cheque, pois é sinal de que conseguimos resolver um problema de construção que se encontra encravado há mais de um ano».

«Já passou um ano que enviei o primeiro donativo para a vossa Obra. Dou graças a Deus por ter a possibilidade de poder fazê-lo de novo. Estou aposentada e só foi possível juntar os cem contos com muita economia ao longo do ano(...) Que Deus vos ajude a vencer as dificuldades». Pois como não há-de Deus ajudar, com *cireneus* desta raça?! Que Deus a ajude, também, a vencer todas as dificuldades.

De Alice, de Oeiras, «esta pedra pequenina»: cinco contos. À beira fica S. Pedro do Estoril: metade. Continuamos no Sul; Malveira com vinte e esta dedicatória: «Só agora consegui casa própria. Era para fazer um lanche para alguns amigos, mas sei que Deus fica mais contente com este gesto. Deixei o lanche e em acção de graças por esta graça, transformei o lanche em telhas». No Montepio Geral, em Lisboa, cinco para a *Casa do Licenciado*. Trata-se de um deles, perseverante, que aceitou este pacífico desafio há muitos anos e não desarma. Ainda da capital, dez contos, de um velho e grande Amigo. «É uma gota envergonhada porque, sem ser propriamente um sobejo, não chega a sacrifício.»

Voltemos ao Norte. De Gaia, mil escudos em numerais e «peço o favor de não acusar a recepção». Da mesma cidade, dez vezes mais de Maria Manuela. De Ermesinde, o José e sua Esposa, com mais uma remessa de duzentos contos, completaram os mil que «nos propusemos enviar ao longo do ano, independentemente da mensalidade dela». Trata-se de um casal que tem a fortuna de amar a Pobreza; de Famalicão, uma professora primária, «leitora assídua e assinante antiga do jornal que leio e releio com todo o prazer», oito contos. «Uma migalhinha, de mil, por intenção das melhoras de minha filha». O triplo da assinante 13171 e que «Jesus me faça desapegar dos bens terrenos e me dê sempre vontade de ajudar». Vinte, de alguém que habita no Lar do Comércio. Dez, anónimos: «Dar-lhe-ão, como sempre, o destino que melhor entenderem—confessando, porém, que sinto um enorme carinho pelos que se devotam e gastam na construção da sua casinha».

Dez contos do Dulcíneo; do assinante 6353; da Marcelina, de Aradas; do Mário, de Lisboa, «impressionado com as situações expostas n'O GAIATO n.º 1200»; e do David, de Marinhas de Esposende, movido por semelhante impressão e «por alma de minha Mulher que peço seja lembrada pelo celebrante da primeira Missa após esta carta». Foi, sim senhor.

«Nas vossas campanhas de assinaturas d'O GAIATO com muita razão pedem assinaturas de quem o leia, doutra maneira é fugir ao seu fim. Dar Doutrina.

É nessa ideia que comungo, que infelizmente venho pedir que

Continua na página 4

DOCTRINA



Lembra-te, ó opulento, no mundo tiveste tudo e Lázaro, nada!

Do EVANGELHO

• O homem da selva, aonde não penetrou ainda aquela falsa civilização que traz consigo o egoísmo mai-la sede de gozar, esse reparte amigavelmente com os Outros aquilo que tem de seu. É ver o que faz o negro do sertão quando se lhe dá um mimo de que ele muito gosta: parte e reparte em tantos bocadinhos quantos são os presentes, alegremente, familiarmente, sentados no mesmo plano, sem distinguir ninguém — brilhantes por lapidar. Mesmo entre nós, no meio do nosso bom povo, encontramos a mesma verdade nos que são honestamente pobres, vivendo do seu trabalho: repartem do seu pouquinho, alegremente, generosamente, num *tu cá tu lá* mui respeitoso, sentados à mesma altura. O Mestre exaltou, uma vez para sempre, este dar de pobre ao Pobre, quando denunciou ao mundo o *quantum* e as condições da viúva que soube dar.

• Porém, quando subimos ao andar das classes chamadas altas (às vezes tão baixas!), as coisas mudam de figura e a verdade não, porque não pode; mas ignora-se culpavelmente. Ali o absolutamente indispensável é folgar, digerir, não ser incomodado, ter paz. Os Pobres são gente à parte, fora da lei, que vieram ao mundo para curtir fome; são plantados em bairros próprios, a que mais acertadamente se chamaria impróprios, prudentemente afastados, não vão eles fazer mal com o mal que trazem.

• Aqui à nossa beira, vivem assim cem famílias na cidade das tocas, no alto da Conchada. Não são irmãos. Outra raça, outra origem, outro destino. A esmola que se lhes manda nas quatro festas do ano, por vir assim de tão alto, esmaga, em vez de confortar. E até por vezes, se alguém entra na mansarda do Pobre, é ainda para lhe mostrar, na maneira como o faz, a distância infinita que vai de um ao outro — aquela mesma, intransponível, que Abraão marcou entre o pobre Lázaro e o rico avarento, na parábola do Evangelho! Oh!, não; não é assim. Primeiro que tudo compreender quem é o Pobre e quem somos nós. Esse conhecimento só no-lo pode dar a humildade, no claro da Claridade. A senhora Condessa do Ameal, essa santa de marfim que eu tanto choro e os Pobres muito mais, nunca visitou um Pobre de automóvel e entrava em casa deles com vergonha de ser rica.

O. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

TRIBUNA DE COIMBRA

• Um dia maravilhoso de Primavera. A manhã esteve fria, mas o sol brilhante aqueceu o dia todo.

Dia de plantações. Comprámos e deram-nos muito cebolo. Pedimos e deram-nos muitas árvores de fruto.

No fim da escola (só nesta hora é que temos muita gente para ocupar), formaram-se quatro grupos. Um grupo, com arado de abrir regos, enxadas e mãos cheias de cebolo. Ei-los a alinhar uns após outros. Foram setenta centos. Outro, com António Manuel e Zé «Pinóquio» com regador e latas, não deixou que o sol queimasse um só cebolo.

Os mais velhos seguiram para a vinha e para o pomar plantar árvo-

res: macieiras, pereiras, ameixieiras e diospireiros. À medida que as árvores vão secando temos de as substituir. É a lei da vida. Ficaram alinhadinhas e bonitas. As covas já estavam feitas e estrumadas. Alguns mais novos com baldes tiraram água dos poços e regaram-nas bem. A nossa fruta é um dos nossos encantos.

Ao jantar sentimo-nos todos felizes.

• Neste dia tivemos como visitantes um grupo de várias dezenas de professores. Uma lição prática da vida como ela é. As nossas portas todas abertas como sempre. Cada um na sua ocupação. Só os três mais pequeninos a brincar.

Para muitos destes professores foi uma coisa nova. Não imaginavam

que pudesse ser assim. Sem ninguém a tomar conta. Cada um com a sua responsabilidade. «É tudo tão bem feito!»

Ao passar no corredor da sala de costura uma das professoras veio à cozinha: — *Venham ver a coisa mais maravilhosa que eu jamais vi!* Todas foram. Eram dois daquela obrigação a pôr a roupa muito bem dobradinha.

O mundo ainda não descobriu toda a riqueza da criança. Por isso está a ficar muito pobre de crianças. A criança é o maior valor duma sociedade que quer viver.

• Ao recreio da escola, o «Cartaxo», «Rua Direita» e «João d'Avó» foram aos ninhos e só voltaram à escola à hora de sair. Vi e perguntei. O «Cartaxo» quis desmentir a hora. Foi castigado. Os outros, também. Todos assistiram. A escola é das coisas mais importantes da nossa vida.

O «Cartaxo» já tem quinze anos. Há outros da mesma idade que ainda andam na escola primária. Falta de capacidade e, por vezes, bastante preguiça. Tudo junto faz estes atrasos.

O remédio é termos todos muita paciência e ocuparmos o nosso lugar. Mesmo que o coração doa e as mãos também. É mais fácil virarmos costas, mas de costas viradas não acertamos caminhos nem ensinamos a caminhar.

Festas no Centro

Nestes dias o telefone não tem parado e o correio também não. Já marcámos as Festas todas. Os donos das salas e os nossos mordomos são maravilhosos. Todos de braços abertos. «Estamos à vossa espera», dizem com muita alegria.

28 de Abril no Salão dos Bombeiros de Miranda do Corvo
4 de Maio no Teatro de Leiria
6 » » no Teatro de Arganil
11 » » no Teatro de Tomar
12 » » no Teatro Gil Vicente de Coimbra
13 » » no Salão do Casino da Figueira da Foz
18 » » no Teatro da Covilhã
19 » » no Salão do Fundão
20 » » no Salão do Lar de Castelo Branco

No próximo diremos as outras.

Padre Horácio

Padre Horácio

ÁFRICA

No Chiango, quinze quilómetros a oeste de Maputo, fomos encontrar trágica réplica a uma Aldeia de Rapazes.

Perfumada pelo perene cheiro a maresia, situa-se numa infinda planura regada pelas salobras águas índicas da maré alta que beijam mansamente as terras mais fundas das imediações.

Construída no tempo colonial, para «reformatório» de rapazes, é um pequeno conjunto de grandes barracões, cobertos de lusalite, dispostos sem qualquer preocupação estética. Frios, sujos, degradados, arrepiam a sensibilidade mais embotada.

Restos de uma pequena avenida de acesso, ladeada de plátanos descorados e envelhecidos, revelam espontânea e imediatamente, a vida interior de uma amálgama de 150 rapazes mais não sei quantas meninas.

Ao longe, descortina-se, no meio de abundantes e verdes pastagens, uma pequena manada de gado bovino, pertença da instituição mas conduzida por gente assalariada. A única expressão de actividade à vista.

O solo salgadiço e fresco presta-se à criação de gado e fora, em tempos idos, produtor fácil de abundante carne para a capital.

Após a independência, as entidades responsáveis, animadas da melhor boa vontade, quiseram fazer daquele local uma escola educativa de crianças e jovens desamparados.

Montaram quadros, recrutaram técnicos iluminados de ideias avançadas em pedagogia, importadas de países desenvolvidos e ricos; indicando objectivos teoricamente fáceis, ilusoriamente eficazes mas na prática irreais e funestos.

A coeducação é uma prática pedagógica cientificamente provada como mais rentável; mas, a partir da adolescência, só se pode pôr em acto com técnicos humanamente qualificados, em número igual ou superior aos acolhidos, em ambientes preparados e com princípios rígidos de conduta.

A coeducação de jovens a esmo é sempre aberrante.

Juntar rapazes e raparigas simplesmente para acabar com a «discriminação de sexos e de cores» é unir o fogo ao combustível para tudo terminar em tragédia.

A teoria de que as crianças não podem trabalhar e de que os jovens em instituições não devem ser explorados pelo trabalho, mas somente educados sem ele, bem como outros «chavões» muito em voga ainda hoje, mesmo entre nós, por gente que nunca educou ninguém, etc., etc.... fizeram daquele projecto uma selva humana indescritível.

Ao ver tudo tão descuidado: o capim, as ervas a impedirem o caminho e a crescerem em toda a parte sem a beleza de uma flor ou o ornamento de um jardim, perguntei ao professor que nos servia de cicerone:

—Então? Os rapazes não trabalham?

—Têm aulas de trabalho mas só observam as pessoas de fora a trabalhar!...

Como se o «comerás o pão com o suor do teu rosto» aparecesse mais como um castigo do que como uma libertação. Como se o trabalho não fosse alicerce fundamental para a sólida formação das consciências e um apurado sentido de justiça.

Como se na vida doméstica se temesse observar as regras obrigatórias do mercado do trabalho.

Como se fazer a cama, lavar a loiça, pôr a mesa, varrer a casa, esfregar o chão, cortar as ervas ou regar os jardins, colher a fruta ou pastorear o gado, etc., sejam trabalhos que crianças de 10 ou 13 anos não devam executar nos intervalos da escola e dos recreios!

Como se estivéssemos a educar para a burguesia crianças pobres que não possuem outros bens além dos seus hábitos de trabalho e o seu treino para a vida.

Como se adquirir bons hábitos não seja uma difícil conquista que só se consegue com perseverança e logo a partir do momento em que as crianças manifestam capacidades reais.

E, quando, como é o caso, se trata de crianças da rua, oriundas de famílias destruídas, muito mais urgente e difícil é inculcar tais hábitos!

Visitámos a cozinha e o refeitório, as pocilgas e as escolas. Em tudo, idêntica degradação.

As salas(?) de aula, sem portas nem janelas, chão de cimento, paredes sem reboco, desprovidas de mobiliário ou qualquer material

didáctico, evidenciavam a qualidade do ensino.

Voltei-me, de novo, para o cicerone:

—A carpintaria não trabalha? Os rapazes não aprendem?

—Esteve aqui, há tempos, uma senhora sueca a ensinar a construir brinquedos, mas agora está parada.

Quem está fora da vida dos rapazes sem vida não sabe metê-los na vida.

Aprender a construir brinquedos? Para quê? Para quem?

Num país onde não há quem fabrique portas nem janelas, riquíssimo em madeira e carente de

CONVENÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA

Continuação da página 1

suas obrigações nestas diversas áreas e para o seu papel supletivo no apoio às famílias, mediante programas convenientes «especialmente quanto à alimentação, vestuário e moradia» (art.º 27.º).

Não vou deter-me em cada um destes pontos, pois espero que o texto integral da Convenção venha finalmente a ser divulgado pela comunicação social e não deseje senão que estas considerações possam estimular leitores e ajudar a reflecti-lo. Todavia, não posso deixar de apontar três deles, porque fundamentais para a construção do mundo melhor que queremos seja o de amanhã: o da saúde, o da habitação e, sobre todos, o da educação. Quão longe estamos ainda das metas mínimamente necessárias!

Quando será que a Escola, entre nós, por tantas experiências dissipada, achará seu norte e «assegurar que a educação seja orientada para desenvolver a personalidade e as capacidades da criança, a fim de prepará-la para a vida adulta activa, inculcando o respeito pelos direitos humanos, pela ecologia, pelos valores culturais próprios, pelas nações diferentes da sua?» (art.º 29.º)

Quando será que a Justiça dos Estados, «diante da atribuição de acto infraccional a uma criança, zelará para que os procedimentos sejam tais que: incentivem o sentido da sua dignidade e valor; fortaleçam o respeito pelos direitos dos outros; ajudem a assumir sua função construtiva na sociedade (...), mediante decisão judicial rápida e em audiência equitativa (...) e com o apoio de serviços de orientação, assessoria, liberdade assistida, colocação familiar, programas educativos, formação profissional e outras opções?» (art.º 40.º)

Quando será que os Estados cumprem sua «obrigação de influir nos meios de comunicação social, para infundirem informação de acordo com o bem estar social e moral da criança» (art.º 17.º), em vez da libertinagem permitida a tanta coisa nula e negativa que por aí se publica e se exhibe no proveito de interesses consentidos?

Disseram-nos que o Estado Português se prepara para juntar a sua assinatura à dos mais de vinte países que subscreveram a presente Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Que o faça depressa e em boa consciência!

Padre Carlos

carpinteiros, numa terra onde as crianças pedem pão muito mais que brinquedos; num ambiente social onde ensinar a trabalhar é mais atractivo que ensinar a brincar, aparecem estas «originais» propostas de gente plena de teoria mas oca de intuição para conduzir rapazes da rua e... fazer deles homens!

Como me sorriu, naquele instante, a visão de uma Casa do Gaíato!

Uma Obra deles, por eles e para eles!

Eles — os Rapazes — na cozinha, na copa, nas limpezas, na escola e distribuição da roupa, no corte das ervas, arranjo das ruas, rega dos jardins; no cuidar do gado e mugir do leite; no comando das

oficinas e na colaboração do escritório; no amanho das terras e colher das searas; na compra e na venda dos produtos; na condução dos veículos e arranjo dos tractores. Eles a pintar, a cavar, a alindar! Eles na disciplina, no asseio e na higiene. Eles no desporto, na preparação das festas e na catequese! Eles na sua casa, com meios pobres mas a desenvolver a sua própria riqueza!...

Eles a tomarem a vida nas mãos e a gostar dela! Eles! Eles! Eles!

Foi a sensação de um cego que recupera a vista!

Não admira, pois, a ânsia com que somos desejados em Moçambique!

Padre Acílio

Continuação da página 3

suspendam o envio que fiz já há bastantes anos, do querido jornal, para ... Verifico que ele não é sequer aberto e segue directamente para os jornais velhos.

Com muita tristeza tomo esta resolução e envio este pouco para os prejuízos que já com ele tiveram, mas neste momento é o que me dá gosto enviar.»

E termino, hoje, com mais este testemunho de coragem, vindo de Oliveira de Azeméis:

«Sirvo-me da presente para, em cumprimento de uma promessa feita, enviar um pequeno donativo para a vossa maravilhosa Obra, de 6.500\$00.

Neste momento, encontro-me desempregado, mas não quero deixar passar mais tempo sem cumprir com o meu dever.

AGORA

Ao valor enviado dará a distribuição que achar mais conveniente. No entanto, gostaria que uma parte fosse destinada a participar na construção de uma casa para alguém sem casa.

Não necessitam de acusar a recepção, assim como agradeço que nada mencionem no nosso jornal sobre esta pequena oferta. Só me sentiria recompensado com uma pequena oração por toda a minha família, pedindo a Deus para que possam servi-LO nos Outros.»

Assim seja convosco e com todos nós.

Padre Carlos

CARTAS

«Este ano lectivo está sendo difícil para poder partilhar convosco na despesa de alguma migalha de pão; partilho, sim, no esforço que vou fazendo junto de uma turma de crianças, cuja maioria é deficiente intelectual, todos repetentes de 2.º ano, na faixa etária dos 10, 11 anos. Não deixo de lhes falar na vossa Casa e sua missão e, sempre que recebo o Jornal, partilho um pouco da leitura, notando que os ajuda bastante. Tenho, até, distribuído muitos dos mais antigos para que levem para casa e peçam aos pais para lerem. Decerto que os levará a pensar que, apesar de tudo, ainda é bom saber que têm uma família que os acolhe, enquanto outros esperam encontrá-la doutro modo.

Assinante 47613»

«Vai um contributo modesto, mais uma 'gota de água' que ardentemente desejo engrosse, para dar ânimo e alegria a muitos corações destroçados a quem a vida, ao passar ao lado, lhes marca o sentir e o ser.

Nunca hei-de entender muito bem o porquê desta deficiência humana quando, cada vez mais, as sociedades vivem com mais civilização

e os homens 'pretendem' banir do seio humano as desgraças da incultura, da descrença, da discriminação, da desigualdade e daqueles valores fundamentais que, cada vez mais, sinto perderem a 'força'. Parece que atravessamos um momento da vida numa espécie de contradição, pelo menos entre nós, no nosso País.

Deus permita que as vossas almas tenham sempre ânimo e Fé para que a Obra da Rua possa cada vez mais ser o apoio ao grito dos pobres e dos aflitos.

Percorro sempre as linhas dos vossos escritos e reflito com amargura a dureza dos problemas humanos e a infundável amálgama das suas vítimas.

Não há muitos momentos em que possa desabafar o meu sentir.

Assinante 53219»

«Junto envio fotocópia de uma remessa postal de cinco mil pesetas, para a assinatura d'O GALATO ou qualquer outra coisa.

Vocês são, de alguma forma, o nexo que mantenho com o querido Portugal, onde passei quatro lindos anos. Obrigado pelo vosso jornal.

Assinante 39526»



CALVÁRIO — A refeição do meio-dia não tarda. E o labor é idêntico ao da manhã. Anda espregitar comigo. Refeito do manjar, um grupo sai da casa-mãe. À frente a Isabel, com a panela da sopa, é seguida de outros com outros utensílios fumegantes. Todos sabem onde vão dar e a quem vão dar a comida. João debruçado sobre o Armando. E todos são braços daqueles que os não têm. A doença de uns é suprema consolação para outros exercem o bem e assim se sentem úteis e felizes — Padre Baptista



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaíato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e Imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaíato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898